

Evangelização mariana e devoção popular na América Latina: a exigência do cuidado com o culto a Maria na atualidade

Alzirinha Souza

Resumo: A celebração dos 300 anos do encontro da imagem da Imaculada no rio Paraíba do Sul reacendeu o interesse e os estudos sobre a pessoa de Maria. Dentro deste contexto, este artigo vem contribuir para a reflexão mariológica, tratando a partir da perspectiva do cristianismo popular, da questão do distanciamento entre a compreensão dogmática e a situação eclesiológica da pessoa de Maria e os elementos de fé daqueles que frequentam o Santuário de Aparecida – SP. A partir de elementos históricos de constituição do processo de evangelização e de pesquisa de campo realizada no Santuário, apresentamos elementos fundantes para a compreensão deste distanciamento e a questão da tensionalidade entre expressão de fé mariana e a exigência do cuidado com o culto a Maria expresso no documento *Marialis Cultus*.¹

Palavras-chave: Mariologia, evangelização, formação, Aparecida, *Marialis Cultus*.

Abstract: The celebration of the 300 years since the finding of the image of the Immaculate in the Paraíba do Sul river, rekindled the interest and the studies on the person of Mary. In this context, this article contributes to the Mariological reflection, treating from the perspective of popular Christianity, the question about the distance between the dogmatic understanding and the ecclesiological situation of the person of Mary and the elements of faith of those who attend the Sanctuary of Aparecida – SP. From historical elements on the formation of the process of evangelization and field research carried out in the Sanctuary, we present grounding elements for understanding this distance and the question of tension between the expression of Marian faith and the demand for care with the cult of Mary expressed in the Document *Marialis Cultus*.

· Leiga, mestra em Teologia pela Universidad San Dámaso – Madri. Doutora em Teologia pela Université Catholique de Louvain. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

¹ Este artigo é fruto da pesquisa realizada para a Conferência realizada em 12/06/2017, no quadro da Semana Teológica do Centro de Estudos da Diocese de Ribeirão Preto – SP (CEARP).

Keywords: Mariology, Evangelization, Formation, Aparecida, *Marialis Cultus*.

Introdução

De maneira geral, os cuidados se intensificam a partir do Vaticano II. Entendamos bem: o cuidado se torna mais necessário a partir da liberdade e pela atualização que dela nasce. Não que antes não o houvesse; aliás, o cuidado era excessivo, dado a pessoas determinadas, autorizadas e específicas. À posterior “democratização” notadamente da Liturgia, que cumpre um dos grandes objetivos do Concílio, nasce o necessário cuidado com os excessos. Tudo o que é novo tem que ser aprendido, treinado, adequado até ser vivido em forma plena e adequada.

E o aprendizado exigido a partir do Vaticano II não tocou somente a Liturgia. Foi um longo processo – e ainda estamos nele – de aprendizado, de reaproximação com a realidade, de abertura às ciências positivas como “efetivas colaboradoras” no fazer teológico e na compreensão de mundo.

Àquela época, o próprio mundo se desvelava como novo. A partir da segunda metade do século XX, em especial a partir dos anos 1960, nos damos conta de uma grande movimentação, renovação ou até mesmo inversão de valores. A nova organização social e política herdada da Segunda Guerra mundial, da qual o mundo sai dividido em dois blocos, o dito “ateu” comunista e o dito “cristão” capitalista, a instauração da Guerra Fria, a nova ordem política que se instaura em América Latina, a recolocação dos valores morais pela nova ordem social, são elementos de base da posterior liquidez anunciada por Z. Bauman. O tempo, posturas e valores parecem se esvaír pelas mãos de um Catolicismo que oscila entre a resistência e o entusiasmo a encarar a nova ordem.

Ante esse novo mundo diversificado, a Igreja igualmente amplia sua atuação, desde antes do Concílio. Pensando “salvar” o cristianismo ocidental, Pio XII promulga a Exortação Apostólica *Fidei Donum* (12/04/1957), na qual convidava a missionários, na prática, jovens padres, a lutarem contra o comunismo nos países de missão. Como uma previsão, dois anos após (1959) nasce a Revolução Cubana, que coloca em cheque todo o continente americano: era como se o diabo houvesse se instalado no mundo dito cristão.

Na esteira da história, o Papa João XXIII anuncia e abre o Concílio Vaticano II, com os sonhos de novos ares para a Igreja. Respirando melhor poderíamos dar respostas ao mundo que nos sufocava pela velocidade das mudanças. Dando seguimento aos trabalhos conciliares, porém com menos ares no pulmão, Paulo VI o conclui na ilusão de ter conseguido colocar a

Igreja nos trilhos da história. Segundo O'Malley (2014), ficamos na ilusão: o Concílio falou para uma sociedade dos anos 1950, quando o mundo já se encontrava quase nos 1970.

Contudo, o Continente Latino-Americano soube aproveitar os novos ventos do evento conciliar. Capitaneados por D. Helder Câmara, que participou ativamente do Grupo da Igreja dos Pobres, juntamente com D. Himmer (Bélgica) e D. Ancel (França), e graças ao empenho e à organização da CNBB, fomos a única Conferência Episcopal a chegar ao final do Concílio prontos para implantá-lo à nossa realidade, através do Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), promulgado em 1966/1970. A Igreja latino-americana, no dizer atual de Francisco, “*primereia*” igualmente ao término da segunda sessão do Concílio, deixando programada para o ano de 1968 a Segunda Conferência Episcopal do CELAM em Medellín. Era a demonstração de total disposição para realizar a “recepção” e reler o Continente à luz do Concílio Vaticano II, impulsionada futuramente pela promulgação da Encíclica *Populorum Progressio*, publicada um ano antes.

Ora, se o descompasso do Vaticano II consagrou a teologia centro-europeia que havia começado a estruturar-se desde a primeira metade do século XX, a partir da América Latina faz uma reinterpretação de uma perspectiva muito concreta: de sua realidade até então considerada “Terceiro Mundo”, hoje chamado Sul Global. Nasce um movimento de reinterpretação a partir das diferentes realidades. Ao observá-las, se destaca a grande pobreza que se encontra generalizada nos continentes fora de Europa. Nascem novas teologias nos quatro continentes que surpreendem os ensinamentos tradicionais e que consagram pluralismo de visões; enfim, uma “catolicidade *real*” (VILANOVA, 1992), marcada pela publicação da Encíclica *Populorum Progressio* (1967), e quando se viu um despertar concreto em toda a Igreja pela busca de uma nova teologia de estrutura planetária, para superar o esquema da cristandade europeia. Revela-se então uma teologia de centro ante diversas teologias de periferias. E nessa periferia se estabelece de maneira independente a Teologia da libertação, cuja originalidade está em sua nova maneira de fazer pastoral e de posicionar-se diante da realidade da América Latina, tal como se expressou em Medellín. Como afirma José Comblin:

Medellín e Puebla foram, em primeiro lugar, a tomada de consciência e a afirmação da personalidade própria da Igreja latino-americana. Foram como que os atos de emancipação, de chegada à idade adulta da Igreja latino-americana. Antes de Puebla, a Igreja latino-americana se via a si mesma como um prolongamento da Igreja europeia, a faixa periférica que se contentava em seguir os movimentos impressos nas igrejas mais antigas de Itália, França, Espanha e eventualmente da Alemanha” (COMBLIN, 1999).

Ora, é a partir dessas chaves histórica e teológica que desejo ler a proposição do Documento *Marialis Cultus*. Não pretendemos aqui explorar todos os itens do documento, o que pode e deve ser perfeitamente realizado por aqueles que desejarem. Nossa intenção é mais ampla de trazer à luz elementos de fundo e de continuidade, para a necessidade da emissão de um documento específico para o cuidado com o culto mariano e apresentar elementos da pesquisa de campo que ainda hoje apontam para a exigência de novas formas de cuidado que são necessárias na relação entre fiéis e Maria.

E queremos destacá-lo desde o contexto latino-americano e de seu processo de evangelização. E esses estudos somente avançaram porque houve primeiro um movimento de inversão do olhar teológico sobre o continente tal, e a partir das teologias que aqui nasceram e permitiram avançar nos estudos históricos, na compreensão da construção da religiosidade latino-americana, sobretudo a partir dos anos 1960.

1. Maria: tradição e contradição na evangelização latino-americana

Lembra-nos Francisco com toda clareza:

Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque se olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto (EG, 288).

Os caminhos históricos de Maria pela América Latina se dividem entre a tradição e a contradição que acarretam a dicotomia entre a Teologia e devoção popular mariana. Ambas que deveriam ser complementares tomam caminhos opostos em determinado momento, graças à “utilização” da fé mariana através de duas perspectivas: a do colonizador e a do colonizado.

Não há dúvida sobre o mérito dos colonizadores terem trazido Maria ao continente latino-americano. Também não se tem dúvida sobre a maneira como ela foi apresentada, que teve por consequência direta a estruturação de uma Devoção Popular Mariana, eventualmente de extremos.

1.1 Maria: a bandeira dos colonizadores

[...] ainda que seja forçado reconhecer que muitos dos conquistadores espanhóis não estiveram isentos de gravíssimos defeitos, é incontestável que a maioria era pessoas de fé e ainda fervorosos devotos da Virgem Maria (UGARTE, 1956, p. 10).

Que a fé dos conquistadores era eminente para sua época, isso é certo. Podemos citar o exemplo de Cristóvão Colombo, que, às vésperas de seu embarque para a expedição nas Índias, confiou sua aventura à Virgem, expresso nos estandartes dos navios nos quais vinham impressas as figuras de Jesus e Maria. Daí que para a segunda ilha encontrada dá-se o nome de Conceição e ali se constrói a primeira igreja do continente, consagrando-a a Jesus Cristo e à Mãe Santíssima (UGARTE, 1956). Por isso alguns autores, analisando as condições da chegada de Maria ao Continente, deram-lhe o título de “Maria, a Conquistadora”. Evidentemente a figura de Maria nesse cenário surgia de um contexto europeu marcado pela Reforma Protestante. Esse “título” veio dar sentido de fortaleza Ante a reforma em contexto Europeu e para a forte religiosidade popular luso-hispânica. A conquista era territorial e espiritual. O segundo (espiritual) deveria completar-se através do envio de “homens de fé e pessoas devotas”; o trabalho iniciado pelo primeiro (a conquista geográfica).

Ora, colocando em oposição colonizador e colonizado, a imagem da Virgem para o nativo era aquela que estava À frente de uma grande devassidão e agressão, militar e religiosa. Ela era também parte do exército agressor, já que vinha em sua bandeira, que simbolizava a posse da terra.

Se, para os conquistadores, Maria é a Nossa Senhora dos Aflitos, da Boa Viagem, da Conquista vencida, como nos informam os registros: “ninguém pode duvidar que o triunfo desta conquista deve-se à Rainha do Céu, Nossa Senhora” (UGARTE, 1956, p. 18), para os conquistados sua imagem ficou associada à Nossa Senhora da “perda das terras”, Nossa Senhora da invasão, Nossa Senhora da “falta do diálogo” e Nossa Senhora da “guerra perdida”. Para os nativos, a invasão de suas terras não foi somente obra de portugueses e espanhóis, pois estes tiveram o apoio dos deuses. Conforme afirma Caprani:

Portanto, para os povos ameríndios, a Virgem Maria deveria representar o símbolo e a força de seus inimigos e a quem se devia a causa de sua derrota, evidentemente injusta. Assim nasce a gênese da teologia mariana no Continente” (CAPRANI, 2014, p. 7).

1.2 Maria: de conquistadora a libertadora

A equivocada leitura de Maria realizada pelos ameríndios não tardou a mudar, e podemos dizer que a própria Maria se fez “ver” por outras perspectivas. Segundo Elizondo:

É um fato inegável que a devoção a Maria é característica do cristianismo latino-americano, mais popular, persistente e original [...] desde o princípio Maria deu dignidade aos

escravizados, esperança aos exploradores e motivação para todos os movimentos de libertação (ELIZONDO, 1984, p. 2).

Os eventos de Guadalupe e Copacabana recolocam Maria ao lado dos povos ameríndios. A Virgem defensora dos conquistadores se desvela ao lado dos pobres e conquistados. A mãe de Deus e dos pobres não aparece mais nos estandartes pomposos; ela deixa de ser estrangeira e estranha a eles. Ao contrário, nos dois eventos ela aparece perfeitamente identificada com a cultura e com o idioma do povo massacrado, e o que deseja é reconstruir a vida de seus filhos, destacando as notas de compaixão, auxílio e defesa, dando origem à devoção popular, tão marcante da mariologia latino-americana, e que gostaríamos de refletir a partir da chave da “maternidade”.

Por essa perspectiva, Maria deixa de ser a conquistadora, passa à auxiliadora e aprofunda seu relacionamento maternal com o povo do continente até os nossos dias. A maternidade revelada em Guadalupe e de Nossa Senhora de Copacabana acentua que Maria não é somente mãe de Deus, mas é minha mãe e nossa mãe. Afirma Dorados:

[...] ao estabelecer a relação materna entre ela e nós, automaticamente a maternidade fica incorporada à vivência da mãe que é o “nós” concreto, real e histórico. É nesse lugar privilegiado no qual serão semeadas a devoção e a piedade a Maria, e, portanto no qual vai se elaborar sua grandeza e com os seus limites (DORADOS, 1988, p. 5).

O vínculo neste caso é construído de baixo para cima, do concreto da realidade, das necessidades e da cultura latino-americana. Nesse sentido, a devoção popular não nasce de um sistema dogmático elaborado, desenvolvido nas academias (de cima para baixo), senão do sentido de Maria de Nazaré que foi mãe de Jesus, e é mulher simples e de fé como qualquer um de nós. Neste caso a simplicidade da fé encontra o valor verdadeiro de Maria, superando as conquistas e as imposições.

1.3 A devoção mariana e o cristianismo católico na América Latina

Não há dúvida de que a devoção mariana é constituinte do catolicismo latino-americano. Na linguagem de Irarrazaval:

Na América-latina e no Caribe, as atividades do povo em torno de Maria são pilares de catolicidade e constituem o polivalente e mais potente símbolo cultural. Um dos grandes filões é o “marianismo”, que exalta o feminismo e maternal, mas o subordina ao fator masculino. Em

contextos modernos, o mariano contribui para visualizar novamente Deus e reconfigurar modos de ser cristão e contatos com o sagrado que nos humanizam (IRARRAZAVAL, 2008, p. 100).

Recordemos que a partir do século XVI até a primeira metade do século XIX, surgiram os grandes santuários marianos no continente,² assim como Maria é eleita padroeira oficial de cidades, bairros, e ícone de diversos povos e crenças não católicas.

Essa constatação foi realizada pelo magistério no Documento de Puebla (PB, n. 299), que destacou efetivamente a presença de Maria na ação evangelizadora em nosso continente. Maria é a mulher da encarnação e ainda hoje faz com que a Palavra se encarne na existência. Puebla não trata apenas de uma mera constatação de Maria presente na evangelização, mas a coloca como constituinte do catolicismo latino-americano.

Cuidados e excessos no culto a Maria

Ora, os exageros cometidos (talvez por excesso de zelo e amor) na devoção mariana ao longo dos anos, tão bem remarcados desde 1974 pela Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, se ligam necessariamente a esse peculiar processo evangelizador.

O desafio que nos resta é: a partir de uma perspectiva de fé e sem tirar o que é o próprio da fé aprendida de cada um, encontrar caminhos para reposicionar a centralidade de Jesus e o lugar de Maria em relação a ele. É dizer, sem destruir a fé mariana, que é honesta e eminente, encontrar caminhos para reintroduzir a pessoa de Jesus na centralidade de nossa fé.

A evangelização é tarefa de toda a Igreja, e a missão de anunciar a pessoa de Jesus é tarefa de todo batizado. Somos um povo eminentemente missionário, isto é, responsável pelo anúncio do Evangelho, e o que é próprio do Evangelho não é Maria em si mesma, mas Maria que aponta para seu centro que é Jesus. Mas como realizá-la?

² Citamos algumas devoções: Guadalupe, México; Copacaban, no Peru e na Bolívia; Nossa Senhora Altigracia, em Santo Domingo; Santuário de Chiquinquirá, na Colômbia, Nossa Senhora da Caridade del cobre, em Cuba; Nossa Senhora do Caromoto, na Venezuela; Aparecida, no Brasil; e Virgem de Nazaré, Virgem de Luján, na Argentina; Caacupe, no Paraguai; Nossa Senhora de Suyapa, em Honduras; Nossa Senhora do Carmo, Chile; Nossa Senhora de Luján del Pintado, venerada sob o título de Nossa Senhora dos Trinta e Três, no Uruguai, e outras tantas devoções.

2. Caminhos de processos evangelizadores: a era João Paulo II e Bento XVI

Para pensar as reproposições de evangelização e formação mariana, é necessário antes entender como esse processo se deu no contexto histórico, em especial a partir dos últimos quarenta anos; é dizer, a partir do papado de João Paulo II.

Uma das melhores definições para o papado de João Paulo II parece-me o título o livro de Giovanni Miccoli sobre seu estudo: *Le pontificat de Jean-Paul II. Un gouvernement contrasté* (MICCOLI, 2012). Definitivamente, creio podermos afirmar que seu papado foi “contrastante” em muitos sentidos. Muitas teorias se apresentam para os exageros “positivos” e “negativos” que aparecem como consequência de processos de evangelização e formação a partir de João Paulo II. E entre esses exageros encontram-se os ligados às devoções marianas.

No início dos anos 1980, quando da eleição de João Paulo II, a Igreja novamente se encontrava em meio a um mundo que não somente colhia as mudanças dos anos 1960 e 1970, mas que se dava conta de que elas não tiveram os efeitos desejados. Grande parte da Cúria Romana se questionava sobre a mesma coisa em relação ao Concílio: se as mudanças e os avanços propostos não respondiam mais às exigências atuais ou até mesmo se algum dia lhes havia respondido.

Desde seu primeiro pronunciamento em Santiago de Compostela, Espanha, em abril de 1990 (JOÃO PAULO II, 1982), João Paulo II dá o tom de seu papado: uma “*nova evangelização*” radicada no passado que ele julgava estar na raiz da história da Europa. Sua crença era de que a diversidade de tradições religiosas católicas do povo europeu pudera ser retomada em conjunto a partir do contexto eclesial. A Igreja, nesse processo de nova evangelização, salvaria a Europa de suas diferenças religiosas, sociais, econômicas e políticas. Seria a restauração do continente (MICCOLLI, 2012, p. 210).

Considerando que os batizados haviam abandonado suas raízes doutrinárias e morais então contagiadas pelas novas demandas, a chamada nova evangelização ficou a cargo dos “movimentos” nascidos no pós-Concílio que manifestam que a “Palavra de Deus foi entendida e acolhida” (JOÃO PAULO II, 1985). Os caminhos dos movimentos e das novas comunidades nascentes atendiam perfeitamente à “redescoberta” do sentido autêntico, pessoal, vividos numa fidelidade inebriante em relação ao magistério da Igreja (JOÃO PAULO II, 1986). Esse Papa estava persuadido de que “os homens entregues a eles mesmos têm tendência a seguir seus instintos irracionais e egoístas” (JOÃO PAULO II, 1987).

Essa compreensão tem como consequência a instauração dos movimentos em alternativa às atividades da Ação Católica, dando o sentido de reivindicar para a Igreja e seus cristãos a direção suprema da sociedade que a cristandade europeia havia conhecido de outra forma, mas que havia abandonado por completo, que deve ser escutada até o fim do mundo, mas deve começar pela Europa. Dessa forma, manifestam-se ao mesmo tempo a distância e a inversão de valores que separam João Paulo II de João XXIII em *Gaudet Mater Ecclesia* (João XII, 1962), quando da abertura do Concílio. Em sua reflexão, destaca Comblin:

João Paulo II proclamou que os agentes da nova evangelização seriam os chamados movimentos, isto é: *Opus Dei*, Legionários de Cristo, Focolarinos, Comunhão e Libertação, e outros semelhantes. Estes constituiriam uma tropa de choque, mas sem massa para seguir. É uma base muito estreita para fundar uma nova cristandade (COMBLIN, 2007, p. 38).

2.1 A posição da Igreja no mundo

João Paulo II inclui um segundo conceito-chave que marcará a diferença entre seu pontificado e seus antecessores pós-conciliares: o de “civilização cristã”, que aparece com frequência em seus discursos, mas que remete efetivamente aos cenários do século XIX. A urgência de superar as divisões do pós-Concílio é proclamada fortemente. A fraqueza espiritual dos cristãos de agora devia ser orientada e as convicções vindas do Catecismo Universal, já republicado, apresentavam uma nova rigidez e uma disciplina que deviam igualmente ser seguidas no trabalho teológico e pela fé do povo cristão mesmo. Seus discursos eram acompanhados de recomendações que pareciam configurar uma nova evangelização em termos que propunham uma substância de adesão ligada ao depósito da fé e ao ensinamento tradicional (MICOLLI, 2012, p. 225).

As novas linhas propostas desconsideraram por completo o reconhecimento da pluralidade de culturas, de religiões, de saberes, de colonizações. Assim como a de seu auxiliar J. Ratzinger, a Igreja no mundo deveria ser uma extensão da Igreja de Roma, como narrado por H. Cox (2015, p. 153). Contudo, em seu papado, o próprio Bento XVI não conseguiu sustentar essa posição.

O fato é que podemos nos perguntar: em que a “nova evangelização” pensada durante quarenta anos pode contribuir para a formação da fé popular e para minimizar os excessos apontados pela *Marialis Cultus*?

3. Casos práticos de necessidade de ressignificação da mariologia popular

Creio que mais que uma opinião pessoal, uma rápida aproximação com o povo de Deus nos oferece possíveis respostas à questão anterior. E queremos apresentá-las a partir de elementos concretos obtidos em pesquisa realizada no Santuário Nacional de Aparecida – SP,³ a partir de cinco perspectivas. São bastante significativos os relatos.

3.1 Razão para ir ao Santuário

Entrevistada 1: Origem: Passos-MG; moradora de uma comunidade rural dessa cidade. Segundo ela o padre celebra a Eucaristia somente uma vez ao ano em sua comunidade rural; nos demais encontros do ano em sua comunidade são feitos terços, novenas em honra a Nossa Senhora Aparecida, padroeira local da comunidade.

3.2 Importância do agradecimento. Sala dos milagres e dos ex-votos

Dos 35 entrevistados, 20 trouxeram algo para ser depositado na sala dos milagres, seja em ofertas votivas, seja através de objetos que simbolizem a graça alcançada. Muitos justificam o “pagamento das promessas” em cera ou objetos reais à superação de problemas como a cura de doenças na família, cura de animais de estimação, a compra da casa própria, a aprovação no vestibular, fama, entre outros.

Entrevistado 2: Origem: Pindamonhangaba/SP; de 62 anos: “Quando ainda menino, ele e seu tio estavam viajando em carro de boi. De repente o carro virou num despenhadeiro. Era a morte certa. Eles se valeram de Nossa Senhora Aparecida e nem souberam explicar como escaparam com vida. O carro ficou pendurado com as rodas no ar. Em agradecimento à santa, o tio comprou um terreno, fez uma capelinha e colocou uma imagem da santa. Ele ficou cuidando da capela até a morte. E aí o sobrinho assumiu. Havia sempre terços, festas e procissões organizadas pelo povo”.

³ Trata-se de pesquisa de TCC em Teologia, por mim orientada no ITESP/SP, concluída em agosto de 2017. Aluno: Adriano M. M. Teodozio, com o título: “A fé e a devoção em Aparecida”.

3.3 Razões da intercessão de Nossa Senhora Aparecida junto a Deus

Quando perguntei aos devotos o porquê de pedir a intercessão de Nossa Senhora, quase todos tiveram as respostas parecidas em dizer que ela, sendo a Mãe de Jesus, Ele jamais negaria algo para ela; além disso, ela é uma “Santa” poderosa capaz de fazer muitos milagres.

Entrevistada 3: Origem: Cascavel-PR: “Temos um amor pela Santa e tudo que fazemos é para agradecer. Mais do que um pedido especial, fazemos nossas romarias para agradecer tudo o que temos, que ‘ela’ que nos dá”.

3.4 Recepção dos sacramentos no Santuário

Entre os entrevistados encontrei um casal com uma criança de poucos meses que iria ser batizada no Santuário, consagrando assim a criança à proteção da Virgem Aparecida. Ao perguntar por que a criança seria batizada no Santuário e não na sua paróquia de origem, eles me responderam que tudo de bom que aconteceu na vida deles foi obra de Deus pela intercessão da Virgem. Pois sua esposa tinha dificuldades de engravidar e através da intercessão da Virgem eles conseguiram esse milagre. Então, nada melhor que batizar a criança na casa de nossa fiel intercessora.

3.5 A grandiosidade e estrutura do Santuário de Aparecida: mescla de lazer e espiritualidade

Entrevistada 4: Origem: Alfenas-MG: “Estando em Aparecida é uma oportunidade de rezar, cuidar da parte da espiritualidade, me confessar e pagar as promessas que faço a minha Mãe querida. Como também me divertir, pois é a única viagem que eu e minha família realizamos durante o ano todo”. Muitos romeiros não têm a oportunidade financeira de fazer outras viagens de lazer. Portanto, a viagem a Aparecida acaba sendo uma viagem espiritual, como também uma oportunidade de se divertirem, tendo em vista as diversas opções de lazer que a cidade oferece. Além da fé partilhada com outras pessoas de diferentes culturas de diferentes regiões do nosso Brasil e, inclusive, de outros países.

Conclusão

Neste texto refletimos sobre a compreensão de elementos históricos da construção da devoção mariana e do processo de evangelização no continente latino-Americano, que ainda hoje exigem atenção sobre o “cuidado” com o culto a Maria. Estes são exigidos não mais

pelos excessos, se é que algum dia houve. Como percebido na pesquisa de campo apresentada, o “cuidado” hoje se impõe pela necessidade da retomada do oferecimento da formação mariana ao povo de Deus.

Resta a cada um de nós, respeitando as tradições e contextos de onde nos encontramos, tomarmos a responsabilidade da formação do povo de Deus e de uma evangelização que se ocupe do anúncio do Evangelho, da formação eficaz do povo de Deus, que possa colaborar com a compreensão por parte do cristianismo popular da situação eclesiológica e dogmática da pessoa de Maria.

Bibliografia

- CAPRANI, Julio. *Maria, a estrela da evangelização*: a presença de Maria nas cinco conferências gerais do Celam. São Paulo: Ave-Maria, 2014.
- CELAM, Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribe. *Documento de Puebla* (PB).
- COMBLIN, José. Puebla: vinte anos depois. *Revista Perspectiva Teológica* 31 (1999), p. 201-202.
- _____. As grandes incertezas na Igreja atual. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis: Vozes, 265, p. 36-58, 2007 (45).
- COX, Harvey. *O futuro da fé*. São Paulo: Paulus, 2015.
- DORADOS, Antonio Gonzales. De María conquistadora a María libertadora: mariologia popular latino-americana. *Presença Teológica*, Santander: Sal Terrae, 1988.
- ELIZONDO, Virgilio. Maria e os pobres: um modelo de ecumenismo evangelizador. In: AA.VV. *A mulher pobre na história da Igreja latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 02/06/2017.
- IRARRAZAVAL, Diego. Maria no cristianismo latino-americano. *Revista Internacional de Teologia*, Rio de Janeiro, v. 327, ano 2008/4.
- JOÃO PAULO II. Homélie dans la Cathédral de Gniezno. *Documentation Catholique* 1.767, 1 juillet, 1979.
- _____. L'appel de Saint-Jacques-de-Compostelle. *Documentation catholique*, 1.841, 5 décembre 1982.
- _____. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, VIII/I, Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1985.

- _____. Homélie lors de la messe célèbre Pa Sant'Appolinare in Classe, 11 maio 1986. *Documentation Catholique*, 1.921, 6 juillet, 1986.
- _____. Discours au corps diplomatique du 10 janvier 1987. *Documentation Catholique*, 1.934, 15 février 1987.
- MICCOLI, Giovanni. *Le pontificat de Jean-Paul II*. Un gouvernement contrasté. Bruxelles: Lessuis, 2012.
- O'MALLEY, Jhon. *l'Evenement Vatican II*. Belgique: Lessius, 2014.
- PAULO VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio* (PP). Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 02/06/2017.
- VILANOVA, Evangelista. *Historia de la teología Cristiana*. Barcelona: Editorial Herder, 1992. Volumen III Siglos XVIII, XIX y XX. (Colección Biblioteca Herder).
- UGARTE, Rubén Vargas. *Historia del culto de María en Iberoamérica y sus imágenes y santuarios más celebrados*. Madrid, 1956. Tomo 1.

Recebido em 24/08/17

Aprovado em 28/08/17